

Conversa com Donna Haraway e Marta Segarra

Apresentadora

[00:12] Boa tarde a todos, muito obrigado pela sua presença. Estamos particularmente felizes hoje por recebê-los em um evento muito especial para nós. Hoje é o debate de encerramento do Ciclo Mundial, que realizamos paralelamente à exposição que temos no momento sobre as mudanças climáticas após o fim do mundo. Temos o privilégio de contar com a presença remota de Donna Haraway,

[00:38] que é professora emérita de História da Consciência e Estudos Feministas na Universidade de Santa Cruz, na Califórnia. Como todos sabem, ela é uma grande referência em termos de feminismo, tecnociência, ficção científica e também primatologia. O fio condutor de seu trabalho é questionar a relação entre humanos e não humanos.

[00:58] Ela fala desde ciborgues até o que ela chama de espécies de companhias. Então pensamos: quem melhor do que ela para refletir sobre essa questão em torno da exposição? Quando perguntamos quem poderia dialogar com Donna Haraway, pensamos que a pessoa mais indicada seria Marta Segarra, amiga e cúmplice do CCB há muitos anos, professora de literatura francesa

[01:19] e estudos de gênero na Universidade de Barcelona, onde cofundou o Centro de Mulheres e Literatura, e atualmente é diretora de pesquisa do CNRS em Paris, onde reside atualmente. Marta é especialista em literatura, teoria feminista e estudos de gênero e tem trabalhado muito com o CCCB, e achamos que ela era a pessoa que melhor poderia dialogar com Donna Haraway.

[02:04] A professora Haraway não poderá ouvir as perguntas diretamente, então Marta terá que fazer a tradução, para que as pessoas que puderem fazer perguntas em inglês fiquem satisfeitas. Caso contrário, Marta fará a pergunta em inglês, e agradecemos se puderem responder. Caso contrário, Marta traduzirá para ela. Não poderemos responder a todas as perguntas que serão feitas. Há um grupo que é bem-vindo, que tem feito um curso

[02:25] no Instituto de Humanidades sobre o trabalho de Donna Haraway nas últimas semanas e será o primeiro a quebrar o gelo com as perguntas que abrirão o debate. Sem mais delongas, passo a palavra a Marta, que conduzirá o ato. Obrigada. Obrigada, Judith. Olá, Donna.

Marta Segarra

[02:50] Olá, como está?

[02:53] Prazer em vê-la novamente.

Donna Haraway

[02:55] É um prazer vê-la também. Parece que você teve alguns... A propósito, entendi a maior parte da introdução. Estou bastante satisfeita.

Marta Segarra

[03:03] Bem, farei uma breve introdução ao seu último livro, *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*, e depois farei a primeira pergunta, se você concordar. Tudo bem? Ótimo, ótimo. Então, seu último livro foi publicado em 2016 e o título é...

[03:26] *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*¹, sim, vamos falar sobre isso, vamos falar sobre a solução. Então, acho que este é um livro bem elaborado, altamente teórico, mas que também lida com casos específicos,

[03:51] e muito literário também. Você se envolve com várias obras literárias, como os romances de Ursula Le Guin e Octavia Butler², por exemplo, mas também com questões científicas, como mulheres e cães tomando hormônios como suplemento, projetos de ativismo científico-artístico, como

[04:15] o Crochet Coral Reef³ (Recife de Coral em Crochê) e assim por diante. Você trata esses diferentes discursos ou ações sem impor uma hierarquia entre eles. Primeiro viria o discurso científico ou a teoria e, em seguida, as ilustrações artísticas ou literárias da teoria. Mas, em seu trabalho, eles são tratados da mesma forma, como estudos de caso igualmente relevantes ou, melhor ainda, como

¹  **Lovecraft e Cthulhu**

Cthulhu é uma criatura fictícia criada por **H. P. Lovecraft**, um escritor norte-americano do início do século XX, famoso por fundar o que ficou conhecido como **horror cósmico**. A figura de Cthulhu aparece pela primeira vez no conto “**The Call of Cthulhu**” (*O Chamado de Cthulhu*), publicado em 1928 na revista *Weird Tales*. Cthulhu é descrito como um ser ancestral, tentacular, adormecido nas profundezas do oceano, cuja mera presença ou lembrança abala a sanidade humana. Ele é símbolo do **indizível, do não-humano, do caos cósmico para além da compreensão racional** — uma força anterior e alheia à lógica antropocêntrica.

 **Cthuluceno**

Donna Haraway reapropria o nome **Cthulhu** de maneira crítica e irônica — **não para evocar o terror**, como Lovecraft, mas para indicar um **tempo de enredamentos profundos entre espécies**, onde os humanos já não estão no centro.

O **Cthuluceno** é, para Haraway, uma proposta alternativa aos termos *Antropoceno* (época do impacto humano na Terra) e *Capitaloceno* (época dominada pelo capitalismo). Em vez disso, o Cthuluceno marca uma **era em que a vida depende de colaborações multiespécies, de simbioses subterrâneas, de redes compostas de fungos, bactérias, animais, humanos e máquinas**.

Ao invocar o nome de Cthulhu, Haraway propõe um mundo *tentacular, não-linear e composto por seres que pensam e vivem emaranhadamente* — uma espécie de “mitologia para tempos difíceis” que nos obriga a abandonar o narcisismo humano e aprender a habitar com o outro.

² **Ursula K. Le Guin** (1929–2018) foi uma escritora norte-americana de ficção científica e fantasia, cujas obras — como *A Mão Esquerda da Escuridão*, *Os Despossuídos* e os contos de *Always Coming Home* — exploram mundos alternativos onde o gênero, a política, a ecologia e o tempo são reinventados. Admirada por Donna Haraway, Le Guin propõe formas de narrar e imaginar que recusam tanto o heroísmo patriarcal quanto o progresso linear, criando espaços para a escuta, a reciprocidade e o cuidado interestelar. Haraway frequentemente cita sua ideia de *carrier bag theory of fiction*, em que a narrativa se torna um receptáculo de gestos ordinários e formas de sobrevivência.

Octavia E. Butler (1947–2006) foi uma escritora afro-americana pioneira da ficção científica especulativa. Suas obras — como *Kindred*, *Parable of the Sower* e a trilogia *Xenogenesis* — exploram temas como raça, gênero, ecologia, poder e mutação, com mundos em que o entrelaçamento entre humanos e não humanos é central. Donna Haraway considera Butler uma referência fundamental na criação de futuros que não escapam do presente, mas o fabulam a partir da dor, da mistura e da possibilidade.

³ **Crochet Coral Reef** é um projeto artístico e científico colaborativo criado pelas irmãs Margaret e Christine Wertheim, que combina matemática hiperbólica, arte têxtil e ativismo ambiental. O projeto consiste em recifes de coral feitos de crochê por comunidades ao redor do mundo, como forma de sensibilização sobre as mudanças climáticas e a destruição de ecossistemas marinhos. Donna Haraway vê no Crochet Coral Reef um exemplo de *sympoiesis* — um “fazer com” multiespécie, feminista e especulativo —, em que práticas manuais e coletivas tornam-se formas de pensamento e cuidado planetário.

[04:44] alavancas para o pensamento. Outra característica marcante de *Ficar com o problema*, especialmente para alguém que não tenha lido seus trabalhos anteriores, é, na minha opinião, sua riqueza linguística e inventividade. Os ensaios acadêmicos geralmente usam um jargão que só é compreendido por iniciados, mas sua escrita, que fala na primeira pessoa, muitas vezes no plural,

[05:11] como é coerente com o seu pensamento, como veremos, é clara e convincente, embora muito singular. Então, vamos começar com o intrigante subtítulo do seu livro, *fazer parentes no Chthuluceno*. Você propõe essa palavra, ***Chthuluceno***, e a define como “aprender a permanecer com o problema, viver e morrer com responsabilidade em uma Terra danificada.”

[05:39] E você propõe essa palavra para, um pouco em tom de brincadeira, eu acho, substituir Antropoceno ou mesmo Capitaloceno. Ambos termos que aludem ao domínio humano sobre o planeta de forma crítica, uma vez que implicam que este planeta será em breve destruído por esse domínio.

[06:02] Mas você diz em seu livro que **resiste aos discursos apocalípticos, que não nos levam muito longe, pois implicam que não há nada que possamos fazer para mudar esse futuro próximo.**

No entanto, o mesmo se aplica aos discursos de denúncia também criticados por sua amiga e colega Isabel Stenger? Ou você acha que...

[06:26] que os discursos denunciatórios ainda são necessários? Essa seria a minha primeira pergunta.

Donna Haraway

[06:32] Essa é uma pergunta “muito simples”(risos).

Marta Segarra

[06:35] Obrigado.

Donna Haraway

[06:37] Essa é uma pergunta “muito simples”. É um entrelaçado maravilhoso de perguntas. Uma tapeçaria com a qual pensar. E, em primeiro lugar, **eu diria que o Cthuluceno — esse tempo dos seres ctônicos, dos tentaculares e fibrilares, dos terrestres, dos kynos, da presença estendida da Terra, do ctônico⁴ — não é tanto uma proposta para substituir o Antropoceno ou o Capitaloceno**. Por exemplo, recentemente recebi um agradecimento,

⁴  **Fibrilares**

Os fibrilares são seres ou modos de existência definidos pela conectividade emaranhada, pelas linhas, filamentos e redes que ligam diferentes formas de vida. São uma metáfora para a interdependência radical entre espécies, tecnologias e ecossistemas. Haraway propõe que pensar com fibras (em vez de raízes ou árvores genealógicas) nos ajuda a imaginar relações transversais, não hierárquicas e rizomáticas. Ex: teias de aranha, redes miceliais, relações de cuidado, fluxos simbióticos.

 **Terrestres**

Os terrestres são aqueles que escolhem permanecer com o problema (staying with the trouble) — ou seja, que se comprometem com uma vida situada, comprometida com a responsabilidade partilhada na Terra, em vez de fantasias escapistas (como o transumanismo ou a colonização de Marte). Ex: humanos e não humanos que formam coletivos locais, solidários, sustentáveis.

[07:16] uma citação extraordinária do grupo Fictilis, que trabalha em East Bay, em Oakland, e produziu o Museu do Capitalismo. E eles reutilizaram uma citação de Horkheimer que vou ler porque vou errar se não o fizer. Horkheimer escreve: *quem não está preparado para falar sobre capitalismo também deve permanecer em silêncio sobre o fascismo*. E o Coletivo Fictilis, o Museu do Capitalismo, diz, em vez disso:

[07:43] *quem não está preparado para falar sobre o capitalismo também deve permanecer em silêncio sobre o Antropoceno*. Concordo plenamente com essa afirmação. Mas **acho que não podemos falar sobre o capitalismo ou o Antropoceno sem nos envolvermos com os elementos terrestres, dentro e fora da Terra, dentro e fora do ctônico**.

[08:10] E isso não é apenas uma passagem obscura que de alguma forma desapareceu diante dessa coisa peculiar chamada modernidade, mas **é uma densidade contínua, uma presença contínua, que é quem nós somos e com a qual devemos trabalhar para construir um bom composto**, um composto quente, não apenas qualquer tipo de lixo, mas um composto devidamente estratificado, **um composto que realmente produz nutrientes**.

[08:35] para o cultivo de jardins que nutrirão a reparação dos solos nas florestas, pastagens e fazendas, a reparação das águas, então **penso no Cthuluceno como um momento de lembrança, de realização e de viver como seres terrestres, e somente nesse sentido acho que podemos ser críticos adequados do**

[09:00] do Capitaloceno e do Antropoceno. Portanto, acho que **a crítica e a denúncia são, na verdade, formas retóricas extremamente importantes, mas também formas de análise política**. São formas de pensar. Certamente, a crítica é essencial para esclarecer a natureza

[09:27] de problemas. **O problema, eu acho, entre muitos teóricos, é parar na crítica — um nada além da crítica. Como se, ao nomear o inimigo, o trabalho já estivesse feito. E o trabalho crítico de habitar imaginativamente aquilo que já existe, mas precisa ser**

Tentaculares

Os tentaculares são uma imagem central em Haraway. Derivam de organismos como polvos e cefalópodes, que pensam e sentem com os tentáculos — múltiplos, descentralizados, sensíveis. Para ela, pensar tentacularmente significa abandonar o pensamento linear, binário e centralizado, e entrar num modo multifocal, interconectado e sensorial de conhecer e agir. Ex: redes de afeto, cognição distribuída, ecologias de contato.

Ctônicos

O termo ctônico (ou chthoníco) vem do grego *χθόνιος*, que significa “da terra profunda”, “do subterrâneo”. Em Haraway, os seres ctônicos são aqueles ligados às forças primordiais, à lama, ao húmus, aos mitos esquecidos. Eles representam sabedorias subterrâneas, não humanas, que resistem à domesticação e ao controle tecnológico. Ex: vermes, micróbios, fungos, divindades mitológicas como Gaia, Medusa, Hécate, e o próprio Cthulhu (reapropriado de Lovecraft).

Kynos

Os Kynos são os cães no pensamento de Haraway — mas não apenas como animais domésticos. Eles representam parceiros coevolutivos dos humanos — seres com os quais nos tornamos o que somos: sujeitos em relação, moldados por vínculos de convivência, aprendizado e afeto ao longo de milênios. Ao invés de tratá-los como subordinados ou objetos de afeto, Haraway propõe que pensemos os cães como sujeitos com agência, que compartilham conosco mundos, linguagens e práticas. Eles são figuras centrais em sua ética da relação e da responsabilidade mútua, especialmente no manifesto das Companion Species. Ex: Uma treinadora que trabalha com cães-guia não está apenas ensinando comandos: ela está participando de um processo de coaprendizagem, no qual tanto o cão quanto a humana se transformam na relação. O Kynos, nesse sentido, não é um “animal funcional”, mas um parceiro epistemológico.

fortalecido, ou de inventar o que ainda não existe, mas deveria — esse trabalho fica esquecido.

[09:50] O trabalho de habitar e inventar não é um trabalho de crítica, é um trabalho que vai além da crítica. Isabelle, Philippe Pignard e seus colegas, quando falam sobre denúncia, dizem que, se nossas denúncias funcionassem, já teríamos resolvido todos os nossos problemas há muito tempo. Se denunciar o capitalismo destruísse o capitalismo, nós

[10:13] não teríamos mais capitalismo. **O problema com a denúncia é que ela é emocionalmente muito satisfatória, talvez, mas completamente ineficaz, e não nos ajuda a enfrentar o que chamam de dilemas, que parecem ter apenas duas opções, ambas terríveis. As escolhas infernais, essa sensação de que só temos escolhas infernais ou infernais,**

[10:40] **que todos os graus de liberdade do mundo estão ocupados e só podemos escolher duas coisas terríveis. Essa sensação de escolha infernal e, em seguida, a prática da denúncia nos paralisa.** Você perguntou mais do que isso, mas isso terá que ficar para depois, me lembre do que eu não abordei.

Marta Segarra

[11:01] Acho que é uma resposta muito completa. Na verdade, ao falar sobre o Cthuluceno, talvez a gente deva explicar — para quem ainda não leu o seu livro — que Cthulhu remete a uma aranha, e é por isso que você fala sobre tentacularidade e pensamento tentacular. E você relaciona essa palavra, Chthulhu e Chthuluceno,

[11:31] não apenas à aranha real, (que se chama chthulhu), mas também a uma figura mitológica: a Medusa e seus cabelos em forma de serpente. Exatamente — essa é a aranha. Mas eu acho que a Medusa foi — ou ainda é — uma figura especialmente importante para o feminismo. E minha próxima pergunta será justamente sobre feminismo e feminismos.

[11:59] Pois bem, a Medusa Górgona é uma criatura ctônica — e você acabou de mencionar a natureza ctônica do Chthuluceno. E, como o público talvez não saiba (não você, Donna), ctônico significa pertencente ao submundo, como você disse, em oposição ao anthropos que vive com os olhos voltados para o céu.

[12:25] Então, eu me pergunto se essa alusão à Medusa também é uma homenagem ao feminismo e aos feminismos, ou a outras escritoras feministas que ressuscitaram Medusa. Mas deixe-me relacionar essa questão a outra mais geral sobre o feminismo. Em seu livro, você repete alguns slogans ou lemas, e um deles, que eu adoro, é:

[13:03] **Com amor e fúria, é preciso pensar — por um planeta habitável.** E o ‘é preciso pensar’ vem de Virginia Woolf, e o ‘com amor e fúria’ vem de Emma Goldman⁵. E eu acho

⁵ **Virginia Woolf** (1882–1941) foi uma escritora, ensaísta e pensadora britânica, uma das figuras centrais do modernismo literário e do pensamento feminista. A frase “*Think we must*” aparece em seu ensaio *Three*

que, claro, não é irrelevante que ambas as referências venham de duas feministas precoces e marcadamente originais. Você acredita que o feminismo — ou talvez, no plural, os feminismos — e, sobretudo, as mulheres feministas

[13:27] tenham contribuído de forma significativa para pensar de maneira diferente, não apenas sobre as mulheres e o gênero, mas também sobre o planeta? Mais especificamente: você acredita que, nestes tempos de trânsito de gênero — para usar essa palavra um tanto insossa — as mulheres ainda têm um papel específico na tarefa de tornar o planeta mais habitável?

Donna Haraway

[13:53] A resposta curta é sim. A mais longa começa com um pequeno detalhe: a aranha, Pimoa cthulhu, veio depois dos seres ctônicos. A aranha não veio primeiro, mas depois — e por isso se tornou uma espécie de totem, um ser com o qual pensar, em parte porque seu habitat natural são as sequóias

[14:23] perto de onde moro, e também porque ela carrega esses nomes contraditórios muito interessantes, ambos, digamos, de origem indígena. Os seres ctônicos são, por assim dizer, indígenas do Mediterrâneo — os de herança grega, aqueles nomeados na linhagem do que se autodenomina ‘Ocidente’.

[14:45] Já Pimoa é o nome de um povo indígena da região onde a aranha vive hoje — um povo que foi despojado por aqueles que deram nome à aranha. Esses indígenas, presentes e ausentes, estão presentes para mim nesta aranha — que é também, sempre, uma predadora.

[15:07] Existe uma aranha vegetariana no planeta, mas todas as outras comem carne. Elas são caçadoras, são predadoras. As tentaculares não são seguras. Os seres ctônicos não são bichinhos fofos, de pelúcia — são potências da Terra. Por isso, a Pimoa Cthulhu, ou Cthulhu Pimoa, tornou-se para mim um tipo de objeto totêmico naquele capítulo sobre a tentacularidade.

[15:30] E, infelizmente, o biólogo que deu nome à aranha era leitor de Lovecraft, da ficção científica de Lovecraft, cujo Cthulhu — pronunciado de forma um pouco diferente, grafado de forma um pouco diferente, mas vindo basicamente das mesmas fontes mitológicas — é fruto de uma imaginação profundamente patriarcal. É o terrível monstro patriarcal do mar,

Guineas (1938), onde defende a necessidade urgente de pensar criticamente sobre guerra, educação e os papéis impostos às mulheres na sociedade.

Emma Goldman (1869–1940) foi uma ativista anarquista e feminista lituano-americana, conhecida por sua militância em prol da liberdade de expressão, dos direitos reprodutivos e da justiça social. A expressão “*In love and rage*” (com amor e fúria) condensa sua abordagem radical e afetiva da ação política, combinando paixão transformadora com indignação ética.

[15:56] o devorador, o consumista. E foi só depois de já ter escrito sobre o Cthuluceno que percebi: “Meu Deus, isso vai ser apropriado por esse monstro patriarcal. Quem pode me ajudar?” E a resposta, claro, é Medusa. Estou inventando aqui — não foi assim que aconteceu literalmente. Mas Medusa, com seus cabelos serpenteantes, a Medusa perigosa, a **Medusa** cujo rosto petrifica quem a encara,

[16:30] para mim, ela **petrifica aqueles que tentam matá-la. Ela congela o olhar dos patriarcais. Seus cabelos-serpentes, com gestos polidos e uma saudação adequada, podem muito bem se revelar aliados.** A Medusa, como Górgona, escapa à linhagem dos deuses celestes.

[16:52] Ela nunca se encaixou com facilidade nos panteões gregos. Houve muitas tentativas de domesticar as Fúrias, as Moiras, as Górgonas — essas entidades em grande parte femininas que nunca couberam bem nos panteões das cidades-estados,

[17:19] à medida que esses deuses foram sendo subordinados às ideologias urbanas. Isso é uma simplificação, claro. Mas as Górgonas sempre foram dissonantes com as mitologias genealógicas do pensamento grego ao longo do tempo. E Medusa é a única Górgona mortal. Ela pode morrer. E, claro, é Atena, filha do céu, de Zeus, que, odiando Medusa,

[17:47] contrata Perseu para matá-la. Perseu vai lá e corta sua cabeça. Mas, ao levantar a cabeça de Medusa, o sangue escorre até a costa — e das gotas do sangue nascem as gorgônias do Mediterrâneo ocidental, essas entidades tentaculares semelhantes a corais.

[18:09] E, o corpo dela se transforma em Pégaso, o cavalo alado. Cavalos são muito queridos pelas feministas, é claro. As feministas têm um amor especial por cavalos. Mas estou contando a história de Medusa para dizer o quanto acho que **as feministas são profundamente habitadas por Medusa**, e que Medusa

[18:34] tem entidades de parentesco lateral que vão muito além do Mediterrâneo, que ela tem laços com as Nagas do Oceano Índico. Existem rotas de narrativas interligadas que não são de forma alguma descritas adequadamente nas mitologias ocidentais, mas estão ligadas em redes de parentesco muito interessantes e peculiares.

[19:01] E provavelmente a mitóloga feminista Marija Gimbutas é uma pensadora extremamente potente nesse trabalho de reapropriação dessas figuras mitológicas para o pensamento feminista. Ela tem sido especialmente importante nos círculos wiccanos e na bruxaria feminista — mas também em outros lugares.

[19:24] Eu a considero uma irmã intelectual essencial. Embora eu esteja talvez mais na linhagem de pessoas como Hélène Cixous, Sylvia Plath ou May Sarton. Sou mais domada que Marija Gimbutas⁶, menos rebelde, digamos assim.

⁶ **Hélène Cixous** (1937–) é uma escritora, filósofa e crítica literária franco-argelina, uma das figuras centrais do feminismo francês e da teoria pós-estruturalista. Criadora do conceito de *écriture féminine* (escrita feminina), Cixous defende uma linguagem corporal, fluida e insurgente contra a lógica patriarcal.

[19:48] Mas, sim, a resposta é sim. Acho que Medusa habita em mim e que seus tentáculos sorrateiros são convites para uma espécie de saudação educada à terra. E se acho que o feminismo reformulou o pensamento? Sim. É preciso pensar. **Importa quais pensamentos pensam os pensamentos.**

[20:13] Pensar com alguém como Isabelle Stengers, cujo livro mais importante é provavelmente *Pensee avec Whitehead, Think with Whitehead*. Eu interpretei mal o título quando o vi pela primeira vez. Não é P-E-N-S-E-R, mas P-E-N-S-E-Z, o imperativo, pense com Whitehead, o que realmente horrorizou Isabel, que me apontou que era um convite para pensar com, não uma ordem, para adotar Whitehead

[20:44] mas **um convite a pensar com — a pensar junto de, a pensar de outro modo. Pensar com o atrativo do pensamento diferente. Pensar em conexão rica com o outro — e não a partir da perspectiva do sujeito racional contido, do anthropos, do indivíduo metodológico que supostamente pode observar e conhecer a Terra de forma distanciada.**

[21:13] As várias histórias, mitologias e figuras daquele que pensa sozinho, e depois adiciona os outros como complemento — em oposição **àquele que, desde o início, já está em relação múltipla. Esse tipo de pensamento a partir de e com é uma prática epistêmica feminista de profundidade.** E não foram apenas feministas que fizeram isso

[21:36] As feministas aprenderam com muitos outros pensadores — muitos deles indígenas, embora não só. **Há muitos pensadores, fazedores e viventes neste mundo que jamais partiram da premissa do “Homem”. Mas eu, e pessoas como eu, aprendemos desde cedo os mitos e práticas desse “Homem”. E são essas histórias que eu — e os meus — temos responsabilidade de desfazer e refazer, em conexão com muitos outros.”**

Marta Segarra

[22:07] acho que isso se relaciona com outra pergunta que eu queria fazer a você. Eu disse que sua escrita é caracterizada por uma grande inventividade linguística e também, embora você use muitas imagens, como a aranha ou a Medusa, mas, na verdade, o significado da metáfora...

[22:36] usada no seu trabalho, aplicada ao seu trabalho, deve ser mais forte do que o habitual, penso eu. E você relaciona essa relação materialista com a metáfora à sua educação católica. Fiquei surpresa ao ler isso, já que a hóstia, como sabemos —

Sylvia Plath (1932–1963) foi uma poeta e romancista norte-americana, cuja obra intensa e confessional explorou temas como a morte, a subjetividade feminina e o sofrimento psíquico. Seu romance *A Redoma de Vidro* e seus poemas póstumos influenciaram gerações de mulheres artistas e escritoras.

May Sarton (1912–1995) foi uma escritora e poetisa belga-americana, conhecida por seus diários e obras que entrelaçam intimidade, natureza e reflexão sobre envelhecimento, solidão e relações amorosas entre mulheres. Sua escrita delicada e profunda inspirou muitas feministas e leitoras queer.

Marija Gimbutas (1921–1994) foi uma arqueóloga e mitóloga lituano-americana. Tornou-se célebre por suas teorias sobre culturas pré-patriarcas na Europa antiga e sobre o culto à Deusa. Sua obra influenciou profundamente os movimentos de espiritualidade feminista e bruxaria contemporânea.

especialmente porque na Espanha muitas pessoas têm uma formação católica — não apenas representa o Cristo, mas é o Cristo.

[23:01] Mas o que poderíamos chamar de ‘realização da metáfora’ não é algo próprio apenas do cristianismo, já que está muito presente — como você acabou de dizer — em outros tipos de religiões, especialmente no animismo e em diversas formas de espiritualidade. E **você critica**, em seu livro — o que me interessa especialmente por viver na França — **a pretensão intelectual moderna de separar o secular do espiritual, defendendo uma compreensão mais abrangente e menos binária do mundo.**

[23:33] **No entanto, muitas pessoas no Ocidente hoje fazem uma forte defesa da secularidade contra a religião — entendida como um comunitarismo excludente que frequentemente leva à violência.** Você poderia desenvolver um pouco essa questão? Como aparece essa relação com a religião e a espiritualidade no seu trabalho?”

Donna Haraway

[24:06] Sim. Acho que essas questões estão, certamente — considerando que você vive na França — ligadas à laïcité e à forma como ela se conecta a expressões contemporâneas do excepcionalismo francês⁷, e ao modo particular como isso tem impactado as comunidades muçulmanas. Há uma extraordinária incapacidade imaginativa do cidadão francês — o citoyen, herdeiro da república, das premissas do Iluminismo, da herança da secularidade — para compreender o tipo de ‘mundo em formação’ que é absolutamente central no Islã.

[24:53] E com isso não estou me referindo simplesmente ao **contraste entre religião e secularismo**, que é um problema especificamente cristão. Acredito, inclusive, que **certos tipos de Islã contemporâneo foram, de forma curiosa e perversa, cristianizados**. Penso que há aspectos em que o ISIS foi, na verdade, cristianizado — em seus modos particulares de oposição e violência. Porque, **historicamente, o Islã tem construído o mundo (worlding) de**

⁷ FR O que caracteriza o excepcionalismo francês?

1. **Universalismo republicano**

A ideia de que os valores da Revolução Francesa — liberdade, igualdade e fraternidade — são **universais**, e que cabe à França promovê-los, inclusive exportando-os para outros países e culturas.

2. **Laïcité como princípio absoluto**

A separação entre religião e Estado (laïcité) é tratada como **símbolo de modernidade racional**, sendo considerada superior a outras formas de relação entre religião e esfera pública.

3. **Desconfiança em relação ao multiculturalismo**

O modelo francês valoriza a **integração por assimilação**: todos devem se tornar cidadãos republicanos “iguais”, o que implica **negar a visibilidade pública de diferenças religiosas, étnicas ou culturais**.

4. **Centralidade da língua e da cultura francesa**

O idioma e a cultura francesa são considerados **portadores da razão, da estética e do bom gosto universais**, o que legitima políticas linguísticas e educacionais homogeneizantes.

⚠ Críticas contemporâneas

Esse discurso tem sido criticado por:

- **Invisibilizar minorias** (especialmente muçulmanos, negros e descendentes de imigrantes);
- **Reprimir a liberdade religiosa**, como no caso da proibição do véu islâmico em escolas;
- **Justificar práticas coloniais e pós-coloniais**, sob o pretexto de “levar a civilização”;
- **Ignorar outras formas legítimas de construir o mundo (worldings)**, como Haraway aponta no caso do Islã.

uma maneira bastante diferente, especialmente em relação à palavra, ao texto, à ummah (a comunidade) e à vivência comunitária.

[25:22] E essa divisão entre religião e secularidade é particularmente apropriada para a luta no Ocidente cristão contra a monarquia e a religião estatal. E a **invenção da secularidade como um modo de oposição ao domínio da igreja e dos equivalentes da igreja, a monarquia e a igreja.**

[25:44] E, na sua forma fascista na Espanha, é, naturalmente, uma história recente, não muito distante no tempo. Nos Estados Unidos, a invenção da secularidade — ou a adoção de seus idiomas e procedimentos — tem servido como forma de combater o domínio do cristianismo evangélico sobre a educação, sobre as doutrinas de quem pode ser considerado cidadão, sobre a relação com a diversidade. Mas o que muitos estadunidenses esquecem é o quanto as nossas noções de secularidade são, desde sempre, versões mal traduzidas do cristianismo evangélico.

[26:11] sobre as doutrinas de quem pode ser considerado cidadão, sobre a relação com a diversidade. Mas o que muitos **estadunidenses esquecem é o quanto as nossas noções de secularidade são, desde sempre, versões mal traduzidas do cristianismo evangélico**. As disputas escolares por livros didáticos e currículos, ou a luta pela separação entre igreja e Estado,

[26:37] fazem parte de **uma longa história de confronto entre secularismo e cristianismo evangélico — e só muito recentemente com o catolicismo**. Isso sem falar no apagamento sistemático do judaísmo, do hinduísmo, do budismo, do islã e de diversas formas indígenas de viver, narrar e se relacionar com o mundo — formas que acabam sendo reduzidas, de maneira antropológica e colonizadora, ao rótulo de ‘animismo’.

[26:59] A palavra ‘animismo’, aliás, deve ser usada com muito cuidado, por causa do que ela produz: uma hierarquia entre animismo, religião e secularismo, que se opõe à racionalidade e que, no fundo, é mais um gesto de recolonização do que de decolonização. O termo é problemático. Acho que precisamos habitar esses modos indígenas de fazer mundo, de viver e de contar histórias — talvez até sem usar essa palavra.

[27:26] Mas quero voltar à minha afirmação fundamental: a oposição entre religião e secularidade é fruto de histórias específicas de luta, de dominação e de resistência. E quem viveu ou herdou essas histórias tende a esquecer que a **secularidade é uma ferramenta falha** — pode ser **um instrumento extremamente importante, mas também é um instrumento que corta para muitos lados inesperados, ou até mesmo um verdadeiro instrumento de colonização**.

[28:10] Não há como negar: tanto a secularidade quanto o cristianismo missionário foram **ferramentas fundamentais de expropriação, colonização e extração no mundo inteiro, além de mecanismos centrais de consolidação dos Estados-nação**. A Catalunha, por exemplo, hoje encara certos mecanismos de consolidação estatal centralizada. E claro que a Catalunha também não é inocente.

[28:32] Mas, por outro lado, a consolidação do Estado-nação espanhol em torno de uma monarquia católica específica — com seus hábitos linguísticos e administrativos impostos sobre as diversidades culturais e linguísticas dos povos — exige lealdade a um único Estado-nação. Um ‘secularismo católico’, por assim dizer, do Estado espanhol contemporâneo... contra o quê? Talvez contra uma espécie de resistência catalã católica subterrânea? Não sei. Mas essas são lutas que herdamos e que precisamos enfrentar.

[29:18] Portanto, não sou contra o uso dessas terminologias específicas — **o que me incomoda é a fetichização dessas palavras como se fossem ‘o nome do pensamento’ em si.** Aprendi muito do que sei sobre a história do cristianismo evangélico protestante na fundação e no funcionamento do Estado norte-americano com minha amiga e colega Susan Harding⁸, que insistia — com razão — que **o secularismo estadunidense, tão diferente do francês ou do espanhol, só pode ser compreendido em relação direta com o protestantismo evangélico.**

[30:07] E mais recentemente, **há o que poderíamos chamar de ‘protestantização’ tanto do pensamento católico quanto do judaico, especialmente em torno de questões como Israel.** Estou simplificando muito, claro — **o pensamento judaico é extremamente diverso. Mas há formas pelas quais várias tradições acabam sendo reunidas, nos Estados Unidos, sob uma hegemonia evangélica neocolonial e neoracista** — que, em certo sentido, se expressa em figuras como Trump.

[30:36] E o fato de que essa hegemonia consiga incluir alguém como Trump — que está longe de ser um modelo de cristão evangélico — já diz muito. O que quero dizer é **que essas terminologias e essas histórias precisam ser pensadas, vividas e assumidas em suas especificidades.**

[31:04] **Achar que o secularismo é a resposta para as múltiplas histórias de opressão religiosa é uma ilusão. E achar que o ‘animismo’ seria uma salvação diante disso é ainda mais ilusório — porque isso é apenas mais uma forma de recolonização**⁹. Em vez disso,

⁸ Susan Harding é uma antropóloga norte-americana conhecida por seus estudos sobre religião, linguagem e poder nos Estados Unidos, especialmente no contexto do cristianismo evangélico. Em sua obra mais influente, *The Book of Jerry Falwell: Fundamentalist Language and Politics* (2000), Harding analisa como os discursos fundamentalistas constroem mundos simbólicos e políticos, mostrando que o evangelicalismo não pode ser entendido apenas como crença religiosa, mas como uma forma ativa de produção de verdade, identidade e autoridade. Seu trabalho influenciou reflexões críticas sobre a secularidade e sobre o papel da religião na formação do Estado moderno.

⁹ Haraway considera que o uso do termo “animismo” pode ser uma forma de **recolonização epistêmica** porque:

1. É um conceito forjado pela antropologia ocidental

O termo *animismo* foi cunhado no século XIX pelo antropólogo britânico **Edward Tylor**, para descrever sistemas de crença em que “objetos naturais” (como pedras, rios, árvores, animais) seriam dotados de alma ou

acho que o nosso trabalho — o meu e o nosso — é **aprender a habitar o mundo com muito mais tempo dedicado à escuta e muito menos à enunciação**. Mas também é necessário o engajamento — e a recusa em calar diante de conversas difíceis, nas quais inevitavelmente cometemos erros imperdoáveis.

[31:38] Acho que hoje é mais urgente do que nunca a disposição para cometer erros imperdoáveis e perdoar uns aos outros. A necessidade de correr riscos no modo como pensamos e vivemos política, intelectualmente, emocionalmente e espiritualmente — isso nunca foi tão urgente. E não vai adiantar fetichizar outra pessoa, outra cultura, como se fosse ‘a resposta’ para os problemas que estamos vivendo.

[32:09] Se é que isso faz algum sentido.

Marta Segarra

[32:11] Sim, claro. Muito obrigado. Bem, na verdade, a partir da metáfora, eu queria...

Donna Haraway

[32:22] Sim, precisamos falar mais sobre metáforas.

Marta Segarra

[32:23] Sim, exatamente. Eu também queria conversar com você sobre a **importância da narrativa direta (*straight storytelling*)** e também sobre **essa figura que você usa, o SF, que você define como *speculative fabulation, science fiction, science fact, speculative feminism***, e por aí vai.

espírito. Essa definição partia de uma **hierarquia evolucionista**, segundo a qual o animismo seria um **estágio primitivo** da religião, superado posteriormente por formas mais “racionais” como o monoteísmo ou o ateísmo. Ou seja: ao nomear de fora, o Ocidente criou uma categoria para marcar o “outro” como menos desenvolvido — um gesto tipicamente colonial.

2. Homogeneiza modos de vida diversos

Haraway critica o fato de que *animismo* funciona como um **rótulo genérico**, que apaga a especificidade e a complexidade dos diferentes modos indígenas de mundo (*worldlings*). Chamá-los de “animistas” coloca tudo num mesmo saco, como se houvesse uma “espiritualidade da natureza” universal e homogênea — o que reforça uma visão **reduzida, exotizante e romantizada** das cosmologias não ocidentais.

3. Reativa hierarquias coloniais entre razão e crença

Ao contrastar animismo com “religião” ou com “racionalidade secular”, o termo reinstaura a velha dicotomia colonizadora: **razão vs. crença, moderno vs. primitivo, nós vs. eles**. Haraway vê isso como uma operação simbólica que continua **subalternizando saberes e práticas não ocidentais** — mesmo quando usada por pessoas bem-intencionadas, como acadêmicos progressistas ou movimentos espiritualistas.

4. Ela propõe: habitar sem nomear

Em vez de catalogar essas práticas sob o termo *animismo*, Haraway propõe **habitar com elas**, escutar suas histórias, suas ecologias e suas formas de fazer mundo — **sem fixá-las num conceito ocidental estabilizador**. Para ela, a tarefa não é dizer “animismo é a resposta”, mas **abrir-se para modos de relação que desestabilizam nossas categorias binárias**.

A gente vai falar sobre isso. E eu acrescentaria a essa lista o termo *science friction*. Não é uma invenção minha, é uma expressão usada pelo coletivo francês de artistas Per Collarys, que acredita que a criação em pesquisa pode acender um incêndio muito necessário no modo como pensamos e agimos.

Mas eu queria falar de *SF* no sentido de *ficção científica*, porque no seu livro os leitores descobrem o quanto você está profundamente engajada com a ficção científica — e você mesma diz que a ficção científica não é um mero gênero, mas também um modo de vislumbrar a história: o passado, o futuro — uma prática de fazer mundo (*worlding*).

E você define *worlding* como o ato de “fazer um mundo” — e eu queria focar nesse “fazer”, porque *fazer* é uma palavra muito importante no seu trabalho. E eu gostaria de me deter um pouco nesse termo, se você me permitir.

Se examinarmos a etimologia de *make* (fazer), como você costuma fazer com os termos que mobiliza, ela vem da raiz proto-indo-europeia *mag*, que significa “tecer, moldar, ajustar”. E o dicionário acrescenta: se for esse o caso, a evolução do sentido talvez passe pelas casas pré-históricas feitas de barro.

E você também reabilita o barro como epítome de algo misturado, impuro — assim como a palavra *travel* (viajar), que, como você lembra, vem do francês antigo e significa *agituar, turvar, perturbar a água parada*.

Mas o verbo *make* é traduzido, em outras línguas como o espanhol, o catalão ou o francês, por palavras relacionadas ao latim *facere*, que por sua vez vem de outra raiz proto-indo-europeia, na origem de *fact* (fato), mas também — de forma mais ampla — na origem de *fiction* (ficção) e de *fake* (falso), e até da palavra *family* — mas essa já é outra história, à qual a gente vai chegar daqui a pouco.

Estamos acostumados a relacionar a ciência ao fato (*fact*), e a narrativa literária à ficção (*fiction*). E, desde a chegada de Trump à presidência dos EUA, como você mencionou, muita gente passou a tentar separar cuidadosamente *fake* e *fact*, etc.

Então minha pergunta é: como você relaciona esses termos, esses conceitos — *fatos, ficção e falsificação*?

Donna Haraway

[35:58] Certo. Primeiro, uma questão de citação: a noção de ficção científica como um modo específico de pensar, como uma prática de fazer mundo (*worlding*), eu devo a Charles Lebert, que foi meu orientando de doutorado, e que se tornou meu professor em muitas coisas — inclusive em tudo que diz respeito à ficção científica.

Ele traz muito da experiência de ter vivido na França e do seu conhecimento de ficção científica não anglófona, o que foi muito importante para mim.

Pensar sobre *fato, ficção, falsificação, barro, confusão... factum, fictio* — algo feito, um particípio passado ou um gerúndio: *feito ou fazendo*.

Um particípio passado como em “feito” — algo já terminado, estabilizado, estabelecido. Ou o gerúndio: *fazendo* — algo ainda em jogo, ainda em processo, algo que requer cuidado e habitação. Um *fazer*, uma *poiesis*, uma continuidade que pode dar errado, que pode resultar tanto em um *fato* quanto em uma *falsificação*. O *fazer* está em disputa.

Então, como você, eu **habito** essas palavras e brinco com elas. Brinco com suas etimologias porque é divertido — mas também porque me fazem pensar de outro modo, me levam a conexões que eu não faria se não me permitisse brincar.

Brincar com palavras é como cães brincando entre si: você se curva de um certo jeito para convidar à brincadeira, e então vê no que dá. Às vezes sai bobagem, mas às vezes isso te leva a um lugar que você jamais teria alcançado sem a brincadeira.

E eu acho que essa brincadeira com *poiesis*, com *poesia*, com *fazer*, com *sympoiesis* (*fazer-com*), essa brincadeira com a multiplicidade — com a cadeia de palavras ligadas à raiz latina que dá tanto *fato* quanto *ficção* — me interessa profundamente.

O particípio passado e o gerúndio, o “-ing”. **Eu penso a ficção como um gerúndio — com uma continuidade. A ficção está em movimento, está em jogo**, de um jeito que o fato está estabilizado.

A falsificação (*fake*) entra aí de duas formas: pode ser aquilo que foi mal feito, que te leva para um tipo errado de problema — ou aquilo que é deliberadamente enganoso, que serve para iludir e tornar as pessoas impotentes. **A falsificação pode te enfraquecer; os fatos podem te fortalecer.**

Então **eu penso os fatos como aquilo que foi bem feito — coisas estabilizadas que fazem uma exigência sobre nós. Mas os fatos também podem ser desfeitos, mostrados como incompletos ou inadequados** — ou no fim das contas, mal feitos.

Fatos podem desmoronar: ops, na verdade aquilo não era um fato. Ou **era um fato tão parcial que se tornou enganoso, e precisa ser refeito. Fatos podem ser abertos, refeitos, reconsiderados — mas eles têm estabilidade e nos interpelam.**

E eu vou às ruas para marchar por fatos — inclusive pelos fatos científicos — não como algo absoluto, mas como algo que foi feito com muito esforço, sofrimento, alegria, aparato tecnológico e investimento econômico.

Talvez o problema não seja que os fatos estejam errados — mas que os fatos que precisamos ainda não foram trazidos à tona, não foram estabilizados. **Há tantos fatos necessários que não receberam investimento — nem econômico, nem emocional, nem político.**

Há tanto a ser conhecido, mas que não priorizamos porque nossas ciências foram moldadas pelo complexo militar-industrial. **Nossas ciências são excessivamente apropriadas pelos aparatos da violência e do lucro.**

Mas nem todas. A ciência escapa disso. **Os cientistas continuam sendo oportunistas, imaginativos, inventivos, corajosos** — e acho que sempre foram. **Mas estão excessivamente controlados pelo capitaloceno e seus aparatos — especialmente os militares.**

Daí o nascimento do meu ciborgue, em meio aos sistemas de comando, controle, comunicação e inteligência. Meu ciborgue¹⁰ nasce no campo de batalha eletrônico de Robert McNamara, na Guerra do Vietnã.

Meu ciborgue tem uma genealogia militar e capitalista — mas ela escapa de suas origens.

Vejo os fatos científicos como algo feito com dificuldade, que requer cuidado, nutrição e proteção — mas também precisam ser abertos ao novo.

Nossas ciências não precisam ser tão empobrecidas como são. Elas não precisam estar tão submissas ao capitalismo e ao militarismo. Elas também são inventivas — e, nesse sentido, participam do SF, da speculative fabulation, da ficção científica.

Mas a ficção científica também é um conjunto específico de práticas culturais, com seus próprios limites, instituições, fãs, escritores e cineastas.

A ficção científica não é qualquer coisa. **É um campo importante de práticas culturais: de performance, escrita e leitura.**

E eu não quero que a ficção científica signifique qualquer coisa. **Um dos motivos pelos quais uso as letras SF, como significante, é porque elas podem se proliferar em muitas direções** — nunca se esgotam, estão sempre abertas a novas práticas SF, multiplicando-se, brincando, convidando — mesmo que você esbarre em coisas erradas.

Mas a ficção científica também merece seus contornos, seus limites, suas fidelidades, digamos assim — **ser fiel à ficção científica, e não deixá-la significar qualquer coisa**, assim como não deixo que “fato científico” signifique qualquer coisa.

Mas **ela também é prima-irmã da speculative fabulation**, do jogo de *fazer laços (ficelle)*, do brincar de “cama de gato”.

¹⁰ **O ciborgue de Donna Haraway** é uma figura central de seu *Manifesto Ciborgue* (1985), em que ela propõe o hibridismo entre humano, máquina e animal como metáfora crítica das identidades fragmentadas e das possibilidades de resistência às categorias binárias (como homem/mulher, natureza/cultura, humano/máquina). Haraway lembra que seu ciborgue tem uma **genealogia militar e capitalista**, pois nasce simbolicamente no contexto do **campo de batalha eletrônico da Guerra do Vietnã**, sob o projeto de guerra cibernética liderado por **Robert McNamara**, então secretário de defesa dos EUA, que promovia o uso intensivo de tecnologias de vigilância, controle e comunicação (os sistemas C3I: comando, controle, comunicação e inteligência). No entanto, ela afirma que o ciborgue **escapa de suas origens**, tornando-se um símbolo de subversão, recombinação e imaginação especulativa — capaz de desestabilizar os sistemas que o criaram.

Essas coisas **são parentes próximas** — mas também **têm sua própria coerência**. Estão talvez numa relação de **diagrama de Venn**¹¹ — sobrepõem-se em partes, mas se separam nas bordas de formas muito interessantes. E todas essas práticas exigem cuidado.

E acho que é aí que as pensadoras feministas refizeram o pensamento: entenderam que todo pensamento também é uma prática de cuidado.

Importa que pensamentos pensam os pensamentos. Que histórias contam as histórias. Não é verdade que tudo vale.

Pensar, fazer, poiesis — são práticas de cuidado, de pensamento, de fazer. Essas práticas exigem o melhor de nós.

E precisamos fazer o “nós” que pensa com cuidado. O “nós” não preexiste às práticas. O “nós” é sempre feito no fazer.

É assim que eu faço.

Marta Segarra

[44:31] Muito obrigada. Acho que farei uma última pergunta, porque também precisamos dar voz ao público. E a pergunta, já que você mencionou Francis Bartkowski¹² — cujo título é *Kissing Cousins* —, é sobre parentesco, já que o subtítulo do seu livro é *Making Kin in the Chthulucene*.

E um dos seus slogans é também “**Make kin, not babies**” (**crie relações de parentesco ao invés de “fazer bebês”**) — o que, como sei, já te colocou em muitos apuros. Então eu queria te perguntar sobre o conceito de parentesco, e começo com uma definição da Judith Butler¹³, que descreve **parentesco como modos de aliança íntima**.

¹¹ **Diagrama de Venn:** representação visual de conjuntos por meio de círculos que se sobrepõem parcialmente, usada para indicar zonas de interseção e de distinção. Haraway o utiliza como metáfora para pensar práticas e conceitos — como *science fiction*, *science fact* e *speculative fabulation* — que se relacionam, mas não se confundem.

¹² **Francis Bartkowski** é uma teórica feminista e professora norte-americana de literatura comparada e estudos culturais. Em seu livro *Kissing Cousins: A Kinship Bestiary* (2008), Bartkowski explora formas não convencionais de parentesco entre humanos e outros animais, argumentando que essas relações desafiam modelos normativos de família. Ela cunha o termo **kintimacy** (parentesco íntimo), propondo uma leitura afetiva e simbiótica dos vínculos entre espécies — uma perspectiva alinhada às ideias de Donna Haraway sobre espécies companheiras e alianças multiespécies.

¹³ **Judith Butler** (1956–) é uma filósofa e teórica feminista norte-americana, conhecida por seu trabalho em teoria queer, estudos de gênero e crítica da normatividade. Em *Gender Trouble* (1990), introduziu a noção de gênero como uma performance socialmente construída, não essencial. Nos anos seguintes, expandiu sua análise para o parentesco, a ética da não violência e as formas de resistência à desumanização. Sua definição

No seu *Manifesto das Espécies Companheiras*, você faz uma afirmação forte de parentesco entre humanos e animais. E a Francis Bartkowski, que você mencionou, alude ao mesmo tipo de parentesco no seu *Kissing Cousins*, cunhando um termo que eu adoro: **kintimacy**.

Tanto na formulação de Butler quanto na de Bartkowski, o termo **íntimo** — do latim *intimus*, superlativo de interior — sugere que essa relação toca o que há de mais profundo e oculto em nós, como as vísceras e o sangue. Nesse sentido, os laços íntimos são sempre, a meu ver, laços de sangue — embora não no sentido usual das relações familiares heterossexuais.

No seu trabalho, assim como em obras de autoras como Butler, o parentesco se opõe àquilo que você chama de “família heteronormativa e reprodutiva”. Mas a origem da palavra *kinship* — vamos brincar também com esse termo — não é muito encorajadora: ela vem da mesma raiz proto-indo-europeia de *genus*, relacionada a nascimento, raça e tribo — e também a *gênero*, aliás.

Mas talvez o sentido relevante na sua frase esteja no verbo fazer (*make*), como vínhamos dizendo antes — o que implica uma ação voluntária, em vez de aceitar algo que nos foi dado (como a família) e apenas reproduzir o mesmo modelo.

Em outras palavras, me parece que a parte do “não bebês” não se refere apenas ao fato de que o planeta já está superpovoado — como sabemos, e isso já não é mais sustentável —, mas também à sua resistência àquilo que você chama de mera reprodução da mesma espécie ou tipo (*reproduction of kind*).

Você defende, ao contrário, fazer parentescos como estranhos parentescos (*odd kin*). E é nesse sentido que os ciborgues são queer¹⁴.

O que te atrai nesse tipo de estranhamento queer? Ou, em outras palavras: quais são os motivos...

Donna Haraway

[47:48] Exatamente. Isso é queer. Como não estar apaixonados por essas coisas? (Mostra um objeto)

de parentesco como “modos de aliança íntima” ecoa nas reflexões de Haraway sobre *kin* e alianças pós-biológicas.

¹⁴ Queer, no pensamento feminista e antropológico, designa modos de vida e de pensamento que desafiam normas fixas de gênero, parentesco e identidade. Mais que uma categoria sexual, é uma chave crítica que recusa binarismos e propõe alianças híbridas, desviantes e relacionais. Para autoras como Judith Butler e Donna Haraway, queer é aquilo que mistura, desestabiliza e reinventa formas de habitar o mundo.



Conversation with Donna Haraway and Marta Segarra



Critical Theory
11,9 mil inscritos

[Inscrever-se](#)

41

Compartilhar

...

Marta Segarra

[47:52] De qualquer forma, continue. Você precisa explicar isso.

Donna Haraway

[47:56] Eu vou explicar isso. É um objeto-parente.

Marta Segarra

[48:02] Então, minha pergunta seria quais são as razões para não reproduzirmos nossa espécie?

Donna Haraway

[48:08] Bem, de novo, essas são perguntas realmente profundas e interessantes, e eu não vou conseguir fazer justiça a elas, mas isso não vai me impedir de falar. Primeiro de tudo, **eu concordo fortemente com as conexões entre intimidade e parentesco. E a *kintimacy* (“parêntimidade”)**, eu acho que é uma palavra realmente adorável.

E eu acho que o mais íntimo — tudo isso é verdade. Então, a próxima coisa que eu digo não é para negar isso, mas para dizer que **isso não é exatamente o que quero dizer quando falo de parentesco. Estou falando mais, se quiser, em termos antropológicos ou etnográficos**, e mais, digamos, nos significados de um Marshall Sahlins ou de uma Marilyn Strathern¹⁵.

¹⁵ **Marshall Sahlins**

Antropólogo norte-americano (1930–2021), Sahlins é conhecido por sua crítica ao determinismo econômico e por suas contribuições à antropologia histórica e simbólica. Em obras como *Culture and Practical Reason* (1976) e *Stone Age Economics* (1972), argumentou que os modos de vida indígenas ou “primitivos” não eram pré-modernos nem carentes, mas organizados por lógicas culturais próprias, muitas vezes mais sustentáveis e

Nesses sentidos, “parente” como solidariedade difusa e duradoura ao longo do tempo e entre camadas de seres que vêm à existência em relação uns aos outros e que podem, e de fato fazem, reivindicações uns sobre os outros.

Então, Marilyn Strathern fez uma palestra realmente maravilhosa alguns anos atrás em que ela examinava a palavra “relações”, e a palavra em inglês “relations” só passou a se referir a parentes — digamos, alguém com quem se tem um laço de família ou genealógico — **tardiamente, no final do século XVIII**. Antes disso, a palavra “relations” referia-se apenas a relações lógicas, os vínculos entre proposições lógicas e coisas assim. Mas “relações” passou a significar, como Marilyn colocou nesta pequena história maravilhosa, falando sobre uma casa inglesa de classe média, aonde a empregada chega até você, quando você está voltando de uma visita, e diz: “Há um homem sentado no seu sofá na sala de estar que afirma ser seu parente, ok?”

E você entra na sala de estar e nunca viu essa pessoa antes, mas ele apresenta uma história convincente de ser seu parente e lhe pede dinheiro para a educação da filha, porque ele pode fazer uma reivindicação sobre você.

Os parentes são aqueles que podem fazer uma reivindicação sobre você e diante dos quais você deve responder. Você pode responder expulsando-os de casa. Pode responder assassinando-os e enterrando-os na floresta para que ninguém saiba que estiveram ali.

Ou pode responder desenvolvendo uma relação cautelosa ou talvez abraçando uma irmã perdida há muito tempo, ou talvez conversando juntos sobre a bisavó que vocês compartilhavam e de quem nunca souberam.

Você pode responder de um milhão de maneiras. Mas “parente” é um termo que implica reivindicação.

[50:38] E uma das razões pelas quais eu gosto da palavra “parentesco” (*kin*), mesmo com suas poluições etimológicas relacionadas a *gens* — o que você apontou muito bem — e também a *género*, *geração*, *gênero*, todos esses termos ligados à reprodução.

O artigo que escrevi há muitos anos para o *Dicionário Marxista*... minhas colegas feministas marxistas vieram até mim e disseram: “Você escreveria uma pequena entrada para o

racionais do que os modelos capitalistas. Em seus trabalhos sobre parentesco, Sahlins propõe que laços de parentesco não derivam exclusivamente da biologia, mas de formas simbólicas de “mutualidade de ser”.

Marilyn Strathern

Antropóloga britânica nascida em 1941, é uma das mais influentes pensadoras sobre parentesco, gênero e teoria social. Em *The Gender of the Gift* (1988), questiona categorias ocidentais de indivíduo, agência e reciprocidade, analisando formas de relação nas sociedades da Melanésia. Strathern argumenta que parentesco não se refere apenas à consanguinidade ou filiação, mas é uma forma de produzir relações e mundos sociais. Em sua leitura crítica da antropologia ocidental, ela mostra como categorias como “relações” e “parentesco” são historicamente situadas e carregadas de pressupostos culturais.

Dicionário Marxista sobre a palavra ‘gênero’? E poderia, por favor, garantir que ela inclua o chinês, o russo, o alemão, o inglês e o francês em sua consideração?” Você só pode estar brincando.

Você não consegue aceitar esse tipo de tarefa sem imediatamente compreender que um termo como “gênero”, se você for ao alemão, está ligado à reprodução e ao *Geschlecht*¹⁶, e a toda a história da apropriação fascista da linguagem da reprodução para fins racistas, etc. Você não pode habitar essas palavras sem habitar as histórias do mundo, certo?

Essas palavras estão profundamente ligadas às histórias do mundo — que são as histórias da carne. Não tanto à história do sangue, embora o laço de sangue seja uma das formas mais poderosas pelas quais os aparatos de parentesco são feitos para funcionar. **Acho que prefiro o termo “carne” (*flesh*) de Hortense Spillers¹⁷.**

E para aqueles que não podem ter “gênero” porque foram feitos para habitar a carne e não o parentesco, ela usava “carne” para se referir à forma de relação dos escravizados que não podia habitar o aparato dos sistemas de parentesco heteronormativos. **O parentesco era precisamente o que era negado ao escravizado — incluindo o gênero.** Enfim, há todo um conjunto de argumentos realmente interessantes pelos quais sou devedora a Hortense Spillers — se é que essa frase faz sentido em inglês.

Mas eu permaneço com o problema e com o problema poluente do parentesco e do *gens*, em vez da reprodução. “Reprodução heteronormativa” é um termo teórico do qual você não consegue escapar se for uma teórica feminista, mas é um termo incrivelmente feio. E eu gosto do fato de que ele seja feio, porque o fenômeno que ele descreve também é feio. “Reprodução heteronormativa” não é fala normal. Mas “meu primo” ou “meu parente” (*my kin*) são fala normal.

¹⁶ O termo alemão *Geschlecht* possui uma densidade semântica significativa, podendo significar “sexo”, “gênero”, “linhagem”, “raça” ou “espécie”. Na filosofia contemporânea, especialmente nos escritos de Heidegger e nas leituras críticas de Derrida, o termo é explorado como marcador das tensões entre identidade sexual, filiação genealógica e humanidade. Haraway aponta sua contaminação histórica por usos fascistas, que mobilizaram a ideia de *Geschlecht* para sustentar políticas de pureza racial e eugenia, ligando sexo, sangue e nação (Nazismo). Por isso, habitar esse termo exige reconhecer os legados ideológicos e violentos nele inscritos.

¹⁷ **Hortense J. Spillers** é uma crítica literária e teórica cultural afro-americana, amplamente reconhecida por seu trabalho na intersecção entre raça, gênero e escravidão. Em seu ensaio seminal *Mama's Baby, Papa's Maybe: An American Grammar Book* (1987), ela propõe uma distinção radical entre “corpo” (*body*) e “carne” (*flesh*), argumentando que, sob a violência da escravidão, pessoas negras foram despojadas de subjetividade e reduzidas à *flesh* — uma existência anterior ao reconhecimento como sujeitos de gênero ou de parentesco. Para Spillers, a carne é aquilo que permanece exposto à violência sem mediação simbólica, anterior às estruturas sociais de gênero e linhagem. Sua formulação influenciou profundamente debates feministas, afro-pessimistas e queer, como também a própria Donna Haraway em sua crítica à reprodução heteronormativa e ao parentesco fundado na biologia.

Quando possível, uso a fala idiomática para fazer trabalho teórico — e vice-versa. Eu gostaria muito mais de habitar o tipo de trabalho linguístico que as pessoas fazem umas com as outras em todos os tipos de práticas, e não apenas nos aparatos teóricos. E “reprodução heteronormativa” é, inextricavelmente, um termo teórico escrito — ainda que útil.

“Parentesco” é exatamente o oposto de reprodução. Não é reprodução do mesmo. Não está atado aos aparatos capitalistas de produção e reprodução, e pode funcionar de outro modo. “Geração” — ou a proliferação das entidades da Terra a partir da Terra, a geração dos vermes a partir da carne da Terra — não precisa ser domesticada pelos aparatos da genealogia. A geração é muito mais proliferante e indomável do que sua domesticação pelas genealogias da geração e da reprodução heteronormativa. Então eu acho que “geração” é um termo mais indisciplinado do que “reprodução”.

E eu usarei “parentes estranhos” (*odd kin*) como oposição à reprodução, porque os parentes estranhos não negam o amor que as pessoas possam ter por seu bebê, ou os laços profundos que tenho com meu irmão, ou o amor pela vida familiar ordinária e pela vida comum de pessoas comuns.

Não se trata de uma oposição implacável a todos esses tipos de amores e ódios — mas sim de um alargamento do aparato do parentesco e de uma recusa a pensá-lo como algo exclusivamente humano. Nossos parentes são humanos e não humanos — orgânicos e inorgânicos.

O ciborgue — meu ciborgue — era, e é, todo sobre a explosão simultânea das formas de relação para além dos binarismos, e isso inclui absolutamente as máquinas — incluindo as máquinas cibernéticas — mas também o vivo e o não vivo, o orgânico e o inorgânico, o animal e o humano, o vegetal e o animal, e o fúngico.

E então essa coisinha, esse objeto fetiche do meu dia — é um presente de Christine Wertheim, que junto com Margaret Wertheim é a propagadora do projeto *Crochet Coral Reef*, sobre o qual escrevo em *Staying with the Trouble* — a criação de um espaço hiperbólico e das relações do recife de coral multi-entidade, o *holobioma*¹⁸ que é o recife de coral. Isso aqui é uma criatura coralina — uma criatura hiperbólica inteiramente feita de crochê com plástico e cabos descartados, latas de Budweiser jogadas fora, frascos de spray de plástico, fones de ouvido, e vários tipos de tiras que também poderiam ser transformadas em algemas, caso você esteja prendendo alguém para deportação.

¹⁸ Holobioma é um conceito da biologia contemporânea que descreve o conjunto formado por um organismo e todos os microrganismos simbóticos que vivem com ele, como bactérias, fungos e vírus. Em vez de pensar o ser vivo como uma entidade isolada, o conceito propõe vê-lo como um ecossistema integrado e interdependente, em constante relação com outras formas de vida. Donna Haraway amplia esse termo para pensar comunidades multiespécie e relações de co-constituição entre seres vivos — humanos e não humanos — como no caso dos recifes de coral, onde coral, algas, bactérias e fungos formam um “superorganismo” coletivo e relacional. Nesse sentido, o holobioma torna-se também uma metáfora para mundos tecidos em comum, que escapam à lógica individualista e binária.



Marta Segarra

[56:43] Essa é uma criatura muito perturbadora — um inimigo-amigo lúdico.

Donna Haraway

[56:48] **Esta é uma espécie de criatura ciborgue que, na verdade, não se conecta a nada.** Eu até poderia conectá-la ao meu laptop, mas isso não ajudaria em nossa conversa, porque ela não leva a lugar algum — **exceto a si mesma, no fim das contas.** Este é um objeto que me foi dado por uma artista como uma resposta à minha escrita sobre o trabalho dela — de certa forma, Christine e eu criamos parentesco uma com a outra por meio desta entidade, deste objeto, que agora faz parte do meu grupo de parentes, do mesmo modo que este cachorro faz parte do meu grupo de parentes este primo inglês feito de feltro, para manter o chá aquecido, este cãozinho de lã feltrada. **Eu penso com as coisas. As coisas me ajudam a pensar. Mas elas também se tornam companheiras íntimas sentidas — não companheiras num tipo de fantasia esquisita de igualdade democrática, onde consentimos em ser amigas ou família umas das outras.**

Esses não são parentescos de consentimento e contrato. Essas não são cidadanias de contrato e passaporte. **Mas essas entidades também não são passivas. Elas estãoativamente engajadas — porém de forma não humanista — nessa construção de relacionamentos.** E, para mim, a linguagem é obviamente crucial nisso, porque considero a linguagem uma prática gerativa e incessante de jogo.

A linguagem irrompe em pessoas como eu — mas penso que **as práticas comunicativas, nem sempre linguísticas, irrompem na Terra. A Terra é feita de reconhecimento e de não reconhecimento. A Terra é feita de convites, tanto aceitos quanto recusados, de afinidades, de tropismos, de vínculos e de quebras de vínculos.**

Se você pensa em química, está pensando em convites para conexão e desconexão. Você está pensando no elétron, está pensando nos muitos modelos de química que tentam explicar ligações e rompimentos de ligações. **O mundo é uma variedade exuberante de convites — tanto recusados quanto aceitos — para fazer parentesco, para uma prática gerativa.**

E fazer parentesco bem feito, assim como fazer compostagem bem feita, é uma obrigação. Essa maneira de pensar sobre parentesco — ou gens ou geração — esse **habitar o problema dos termos herdados**, não é dizer que todo tipo de parentesco vale, que qualquer conexão está bem, que todos os limites são, não é isso. É, antes, **uma afirmação sobre a capacidade de responder, sobre responsabilidade por certos limites e não por outros, sobre cuidar e fazer bem uns com os outros, sobre florescimento — tanto humano quanto não-humano — em conjunto, e sobre estabelecer alguns limites para excluir alguns e não outros.**

Na forma mais óbvia hoje em dia, penso em viver na Califórnia, no meu compromisso com a inclusão dos imigrantes da Califórnia — com ou sem documentos — e na exclusão do Serviço de Imigração e Alfândega, na exclusão da polícia e da ICE, e no alerta à minha comunidade.

Faço parte de um sistema de alerta rápido que avisa as pessoas sobre a presença da polícia de imigração em nossas comunidades, que aparece e toma notas, que faz parte de um sistema de santuário — um sistema que insiste: **essas pessoas estão em nossa comunidade, e nós construiremos com elas limites protetores contra os seus limites.**

A ciborgue está se rebelando. Ela está caindo em cima do meu computador.

Marta Segarra

[1:01:03] Ela não tem uma base sólida.

Donna Haraway

[1:01:05] Então, o meu sentido de composto, **o meu sentido de *odd kin* (parentes estranhos), de relacionalidade, de parentesco, tem a ver com ser responsável por algumas relações e não por outras.** Trata-se de tentar estar atenta a quais relações estão em jogo com urgência e exigem cuidado urgente — inclusive resistência ou mais do que resistência, talvez algo ainda mais enérgico do que resistência, como a revolução — que sou quase incapaz de imaginar por causa das práticas extraordinárias de violência que se impõem sobre mim.

Mas não importa. **As questões da violência estão sempre presentes no fazer e refazer mundos.** E ser responsável por isso é uma das razões pelas quais eu não posso ser apenas uma “garota das fronteiras dissolvidas e felizes”. Aquele tipo de coelhinha tecnológica em estado de êxtase, que só quer derrubar todos os binarismos e todas as fronteiras, nunca foi quem eu sou, nem a forma como penso, nem o que estou propondo.

Estou propondo um tipo de *sympoiesis*¹⁹ de modo situado e mundano, diante dos perigos que realmente estamos vivendo, e uma recusa a fazer isso apenas no modo da crítica ou

¹⁹ **Sympoiesis**

Termo derivado do grego antigo (*sym-* = junto; *poiesis* = criação), *sympoiesis* significa “fazer com” ou “co-criação”. Em oposição à ideia de sistemas autopoéticos (autogerados e autocentrados), *sympoiesis* descreve processos abertos, colaborativos e interdependentes, nos quais entidades diversas participam da constituição

da denúncia — mas fazê-lo com a prática persistente de Emma Goldman²⁰, de arriscar a alegria. Porque, a menos que arrisquemos algum tipo de alegria entre nós, já estamos mortos — e talvez devêssemos simplesmente esquecer. **Esse engajamento entre nós em mundos que não estão prontos é o trabalho que fazemos diante da ameaça pesada da depressão, da derrota, do cinismo e dos futurismos fascistas estranhos, das soluções tecnológicas milagrosas ou da sexta grande extinção que estamos enfrentando com tanta urgência.**

Olhar para a Síria hoje, olhar para Ghouta Oriental (esta conversa foi em 2018), observar as práticas de guerra química e bombardeio total em áreas civis — observar isso, quero dizer, não só... bem, estamos vendo isso, estou vendo isso na televisão — mas **habitar o mundo hoje exige práticas firmes de recusa do cinismo.** E eu **espero que o tipo de narrativa que faço dê coragem, dê ânimo uns aos outros, de forma íntima, com certeza.** Mas parentesco é muito mais do que intimidade. É profundamente mundano. E nem sempre é íntimo.

[1:03:59] Às vezes, são as relações com, bem, aquele primo no sofá que lhe pediu para apoiar a filha dele. É fazer uma reivindicação uns aos outros através do parentesco e afirmar algumas relações e não outras. Você perguntou mais do que isso.

Marta Segarra

[1:05:03] Bem, na verdade, tenho algumas perguntas da plateia. Vou fazer a primeira. A domesticação poderia vir acompanhada de responsabilidades, consideração ou respeito, conquistas, em vez de empatia? **Podemos falar de uma ética do Cthuluceno?**

[1:05:33] Essa seria a primeira pergunta.

Donna Haraway

[1:05:35] Sim, essa pergunta acabou de propor alguns dos que eu considero os termos-chave de uma ética do Cthuluceno, incluindo cada uma dessas palavras que me lembraram uma multidão de outros pensadores e agentes — a forma como **estamos entrelaçados uns com os outros na prática ética** —, de modo que a ética **não é uma lista de princípios, mas uma construção da prática ética com os outros, em sintonia.**

mútua de mundos. Donna Haraway usa o termo para pensar formas de existência não hierárquicas, multiespécie e interconectadas — uma alternativa radical às lógicas binárias e aos imperativos produtivistas da modernidade. Para ela, *sympoiesis* é tanto uma prática quanto uma política de cuidado, responsabilidade e criação coletiva.

²⁰ **Emma Goldman**

Anarquista lituano-americana (1869–1940), Emma Goldman foi uma das mais influentes figuras do anarquismo no início do século XX. Militante pela liberdade de expressão, justiça social, direitos das mulheres e amor livre, ela também se destacou como crítica contundente do capitalismo, do autoritarismo e das convenções morais vigentes. Goldman acreditava na importância da alegria e do prazer como elementos centrais da vida política, sintetizada em sua frase popularizada (embora de forma apócrifa): “Se eu não puder dançar, não é a minha revolução”. Para Donna Haraway, essa disposição para *arriscar a alegria* é um gesto ético e político diante do desespero, da apatia e das ameaças do presente.

Marta Segarra

[1:06:04] Obrigado. Outra pergunta. Podemos pensar na figura SF como um Holobioma?

Donna Haraway

[1:06:31] Certo. *Holo*, **H-O-L-O**, e depois *bioma*, **B-I-O-M-A**.

Sim, e *holo* é mais uma daquelas palavras realmente interessantes que, na maior parte do tempo, as pessoas usam como se significasse *o todo*, *o completo*, *o inteiro já concluído*. Mas não é isso que ela significa. É mais **como aquilo que é reunido junto para compor aquilo que persiste aqui e agora. É uma espécie de reunião provisória.**

E *bioma* se refere essencialmente ao mundo vivo, e a todos os tipos de entidades que se juntam no mundo vivo para formar aquilo que perdura aqui. Então, um recife de coral é um *holobioma*. E, num sentido profundo, todo organismo na Terra é um *holobioma*: uma coleção de entidades em formas muito importantes de relação entre si — incluindo patologias.

Mas **uma palavra que eu propus, além de *holobioma*** — que volta às raízes gregas novamente — é ***holoente***, com *E-N-T*, a mesma raiz de *ente ou ser: holoente*.

Porque é **maior que *bioma*, pois inclui coisas não vivas além das vivas — incluindo máquinas**. Essa palavra não vai pegar. Este mundo [de sentido] não será contagioso.

Mas, para mim, eu escuto em silêncio ***holoente*** como algo maior e mais convidativo do que *holobioma*, que é muito importante, mas se refere realmente à prática biológica.

Marta Segarra

[1:08:15] Bem, então, outra pergunta para você, Donna, vinda do público: **Se o Antropoceno será breve, o que podemos esperar da próxima mutação? Morte dupla por toda parte ou ressurgimento e recuperação? O que — e quem — ainda está por vir?**

Donna Haraway

[1:09:03] Minha esperança é que o Antropoceno seja breve — e que esses geólogos imaginários do futuro encontrem apenas uma linha fina, talvez de 500 anos, marcada por esse tipo de extração e destruição intensificadas que estamos chamando de Antropoceno — essas assinaturas nucleares, de carbono, de plástico e assim por diante, essas extrações e extermínios.

É uma esperança: que seja apenas uma linha fina nas rochas.

Mas não existe qualquer possibilidade de futuro que venha a existir sem que o Antropoceno tenha acontecido. Ele está acontecendo. Ele aconteceu. Ele está em curso

agora, e tem se desenrolado por um tempo espesso. O tempo é disputado, mas são centenas de anos ou muitas décadas — essas práticas de extração e destruição extremas que chamamos de capitaloceno, ou plantationoceno, ou antropoceno, estão em curso.

E a Terra está... estamos vivendo os efeitos desse dano, que não desaparecerá.

Por isso, penso que nossa tarefa é viver como criaturas mortais — reconhecer a morte, o dano, a necessidade do luto, a necessidade de viver dentro da perda —mas não viver dentro da apocalipse da jouissance da destruição total, o que considero uma forma de pornografia.

Nossa tarefa, como Anna Tsing²¹ coloca, é cultivar as artes de viver num planeta danificado, usar essa terminologia que tomo de muitas pessoas: cura parcial, uma forma de reabastecimento, de reparação parcial, de reabilitação parcial, uma espécie de reconstrução de modos que façam sentido tanto para humanos quanto para não-humanos.

É herdar aquilo que já está acontecendo agora, o que ainda não foi destruído e abrir espaço para o que ainda existe, bem como encerrar outras coisas e construir outras novas.

Eu trabalho com a parcialidade. Acredito numa forma de conexão mortal que não pode negar — não podemos pular por cima das extinções e extrações que ocorreram e que continuarão. Essas coisas não vão desaparecer — da mesma forma que o Holocausto não pode deixar de ter acontecido. Os pequenos Holocaustos. Nem o genocídio que está sendo imposto aos Rohingya. Isso não deixará de existir mesmo que, de algum modo, se alcance a paz.

Reabastecimento e reabilitação do que realmente aconteceu — e por isso ainda está aqui — é o nome do jogo da vida e da morte na Terra.

Essa é uma outra forma de dizer que eu recuso as muitas políticas, religiões e epistemologias da transcendência²².

²¹ Anna Lowenhaupt Tsing é uma antropóloga norte-americana conhecida por seu trabalho interdisciplinar sobre ecologia, globalização, capitalismo e formas de vida colaborativas entre humanos e não-humanos. Seu livro mais influente, *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins* (2015), explora as relações interespécies e os modos de sobrevivência em meio à devastação ecológica e econômica, tomando como exemplo a coleta do raro cogumelo matsutake. Tsing propõe a ideia de “vida nas ruínas” e desenvolve conceitos como “assemblage” e “arts of noticing” (artes da atenção), enfatizando a importância da atenção às conexões precárias, imprevisíveis e emergentes em tempos de crise planetária. Seu trabalho influenciou fortemente perspectivas contemporâneas em ecologia política, antropologia pós-humanista e estudos sobre o Antropoceno.

²² Haraway se refere a formas de pensamento e prática que buscam escapar da realidade material, relacional e mortal da vida na Terra. São modos de viver e conhecer que prometem salvação fora do mundo: seja em paraísos celestes, em revoluções totais, em futuros tecnológicos redentores ou em verdades universais

Marta Segarra

[1:12:12] Obrigada. Tenho mais uma pergunta para você. Bem, primeiro, essa pessoa diz: *obrigada pela sua conversa inspiradora*. E você começou sua fala sugerindo que é preciso ir além da denúncia ao capitalismo. **O que você recomendaria que os discursos emergentes focassem? Quais seriam os pontos de partida ou caminhos possíveis além da simples denúncia ao capitalismo?**

Donna Haraway

[1:12:42] Bem, minha amiga Katie King²³ uma vez me disse: “*há bem mais do que você imaginava e menos do que deveria haver*”, em termos do que está acontecendo. Uma das formas pelas quais penso que começamos é lembrando que **não estamos começando do zero**, que **viemos de uma história longa e complexa da qual fazemos parte, e com a qual precisamos nos reconectar: com nossos sindicatos, com nossos muitos tipos de ecologias, com nossas resistências ao colonialismo.**

Estou usando aqui um “nós” bem amplo. Achar que estamos inventando algo desde o início é uma loucura. **E, ao mesmo tempo, há de fato um novo trabalho a ser feito.**

Mas, na minha própria vida, por exemplo, penso que uma das formas de construir algo para além do capitalismo é realmente nos conectar com os povos que constituem a Califórnia e descobrirmos como fazer diferente com a água, como lidar de outra forma com as fronteiras, como oferecer refúgio de outra maneira, como reconfigurar as histórias de raça, de expropriação e de “indigeneidade” na Califórnia.

Como, de algum modo, **aprendemos a inventar formas de pertencimento que não sejam mais uma variação do pertencimento imperial ou colonial**. Lembrar que **os modos de pertencimento dos povos**, mesmo só na Califórnia, **não são todos iguais**.

Os afro-americanos que se mudam para o Oeste após a Guerra Civil se tornam colonos e herdam a terra de modo diferente dos colonizadores brancos que chegam no mesmo período — embora ambos tenham, de diferentes formas, expropriado os povos nativos.

desligadas do cuidado com o aqui e agora. Contra isso, Haraway propõe uma ética do envolvimento radical com o mundo — feito de perdas, compostagens, vínculos inusitados e reparações parciais. Em vez de sonhar com transcendência, ela convida a ficar com o problema, fazer parcerias estranhas (*odd kin*), e habitar com responsabilidade e alegria um planeta danificado, mas ainda vivo.

²³ Katie King é uma teórica feminista norte-americana e professora emérita de Estudos Feministas na Universidade de Maryland. Sua obra explora as trajetórias do pensamento feminista, os modos de circulação do conhecimento e as relações entre cultura, política e tecnologia. Em *Theory in Its Feminist Travels* (1994), King analisa como conceitos feministas se deslocam entre diferentes contextos — acadêmico, ativista, midiático — sendo continuamente reformulados. Também se dedica a investigar as implicações da cultura digital na produção de saberes situados, com atenção especial às dinâmicas de gênero, raça e poder. Donna Haraway a cita como interlocutora próxima e sensível aos paradoxos do presente, como na frase: “há bem mais do que você imaginava e menos do que deveria haver”.

E tudo isso ocorre numa área que já havia sido antes tomada pela conquista espanhola do chamado “Novo Mundo”, e assim por diante. Então **acho que precisamos nos conectar com essas muitas histórias e nos engajar com muitas práticas — como as práticas agrícolas que resistem à contínua industrialização capitalista da agricultura.**

Devemos apoiar esses modos de criação e cultivo: o pastoreio, a agricultura familiar, a permacultura, as agriculturas inventivas.

Devemos apoiar seus mercados, aprender o que está acontecendo, recusar a ideia de que isso é “fraco”. Observar onde as coisas estão fortes — e oferecer o nosso peso ali.

Devemos lembrar dos tipos de práticas que estão ocorrendo ao redor do mundo e que resistem ao hiper extrativismo do capitalismo contemporâneo — e nos conectar com isso.

Precisamos nos tornar concretos.

Começar a descrever as muitas coisas que estão de fato acontecendo, o tipo de trabalho que as pessoas realmente estão fazendo — e nos conectar a isso.

E acho que muito do que precisamos descrever e com o que precisamos nos conectar está ocorrendo nas práticas artísticas.

Nossos artistas frequentemente são especialmente inventivos em se conectar com pessoas que estão fazendo algo neste mundo — algo que não reforça o *capitaloceno*.

Marta Segarra

[1:15:46] Antes de outra pergunta da plateia, gostaria de te fazer uma pergunta pessoal — pessoal no sentido de que é uma pergunta minha, não da audiência. Não é uma pergunta pessoal no outro sentido. Bem, é sobre o nosso parentesco, ou responsabilidade, ou criação em conjunto com os animais não humanos.

Porque no capítulo 7, inspirada no pensamento de Vinciane Despret²⁴, você fala sobre animais domésticos como vacas criadas em fazendas não industriais, onde criadores e vacas trabalham juntos — ou trabalham *com*, como você diz — idealmente ouvindo uns aos outros, tentando entender quais são as demandas e necessidades de cada um.

²⁴ **Vinciane Despret** é uma filósofa e psicóloga belga, conhecida por seu trabalho interdisciplinar no campo dos estudos da ciência, da animalidade e da etologia. Influenciada por Isabelle Stengers e Bruno Latour, Despret investiga como os cientistas constroem conhecimento sobre os animais e propõe modos mais éticos e responsivos de se relacionar com eles. Em obras como “*What Would Animals Say If We Asked the Right Questions?*” (*Que diriam os animais se fizéssemos as perguntas certas?*), ela desafia a ideia de que os animais são objetos passivos de estudo, mostrando como eles participam ativamente nas situações de pesquisa e convivência. Para Donna Haraway, Despret é uma aliada na construção de formas de “fazer parentesco” com seres não humanos, baseadas na escuta, na co-agência e na responsabilidade compartilhada.

Mas esses são animais — esses animais domésticos, essas vacas — que os humanos criaram de certo modo, ou pelo menos moldaram com o objetivo de comê-los, ou de aproveitar o que produzem. Em outras palavras, **me parece que essa relação, essa responsabilidade entre criadores e animais domésticos não pode acontecer em termos de igualdade**. Se não estou enganada, acho que **você não adere a modos de pensamento que assumem que nós, animais humanos, não temos o direito de matar outros animais, ou que consumir carne é tão ruim para o planeta quanto fazer bebês — ou até pior.**

Embora você tenha escrito, e eu a cito: “**Importa quem come quem — e como.**” **Por que isso importa e de que maneiras? Como você justifica — se é que justifica — o sofrimento e a morte animal pelas mãos humanas?**

Donna Haraway

[1:17:50] Essas são questões que ocupam meus pesadelos, assim como meu pensamento durante o dia. **Essas não são indagações finalizadas de pensamento e sentimento.** Antes de tudo, penso que, **por ser muito, muito firme em recusar o excepcionalismo humano, a divisão entre natureza e cultura, e a apropriação da natureza pela cultura como o projeto da humanidade, essa visão da domesticação, em que os seres humanos criam ou retrabalham a natureza para fins humanos,** chamam isso de domesticação, e isso é ou justificado ou injustificado, ou é **uma violência que deve ser completamente evitada porque, claro, não é uma relação de igualdade, ou é completamente justificada porque de alguma forma estamos mais altos na hierarquia,** esse modo de pensar já não está mais disponível para mim, embora tenha sido o modo de pensar que aprendi quando menina, tanto na educação quanto na prática cultural.

O tipo de **pensamento que faz sentido para mim, antes de tudo, admite, e de fato enfatiza,** que nossas relações com esses animais que iremos comer, ou usar para obter fibras, ou talvez no meu caso, treinar para esporte, ou trazer para nossas casas como companheiros afetivos que desempenham um papel emocional importante, bem como brincam conosco e para nós, e assim por diante, **essas não são, e não deveriam ser descritas como, relações de igualdade.** Elas não são relações iguais por muitos motivos. Por exemplo, acho que **uma pessoa que tem um cachorro que é perigoso para si mesmo ou para os outros,** e que corre o risco de ser morto por mau comportamento, ou ao menos de se tornar um grande incômodo para todos... **Se você se relaciona com esse cachorro dentro da fantasia da igualdade, algo muito estranho está acontecendo.** Você está fingindo que o cachorro é um **citizen**, um cidadão da república, um estudante de filosofia no seu seminário. E está **esquecendo da especificidade das relacionalidades e dos modos de ser.** Está esquecendo da socialidade dos cães e da socialidade dos seres humanos, e da longa história de suas relações mútuas, dos modos como essas relações são tanto violentas quanto — e com certeza — não violentas.

Acho que **precisamos habitar as especificidades.** E uma das especificidades da relação entre mim e os cães com quem convivo, por exemplo, **envolve um tipo de autoridade.** O cachorro **possui certos tipos de autoridade e eu tenho outros.** E **somos obrigados a respeitar os tipos de autoridade um do outro — ou a relação será má, será violenta.** Terminará mal. Portanto, penso que é importante habitar as especificidades das relacionalidades.

Em relação aos animais como galinhas, vacas, ovelhas, cabras angorá, lhamas e tantos outros — podemos multiplicar os bichos — há muitas coisas que precisam ser ditas. Eu, e espero que todas as pessoas nesta sala, **recusamos comer carne criada em sistema industrial, animais que foram criados em condições de redução absoluta à extração de lucro, e que contribuem com metano e outros gases de alto impacto de carbono no planeta.**

Acho que isso faz parte do processo de nascimento forçado do pós-Segunda Guerra Mundial, que afetou as pessoas de formas terríveis. Esse tipo de nascimento forçado e extração forçada — o *plantationocene* da Terra — está também profundamente vinculado ao desenvolvimento das práticas da agricultura industrial, especialmente da pecuária industrial. Os sistemas de antibióticos, os sistemas farmacêuticos, os hormônios sintéticos, os aparatos educacionais... Os aparatos da agricultura industrial são aparatos que eu me oponho firmemente.

Já as práticas de convivência com outras criaturas, vegetais e animais, em ecologias que inevitavelmente envolvem matar e comer, e que não são relações de igualdade, são práticas que acredito que devem ser afirmadas com cuidado e dentro de seu contexto.

Por exemplo, **defenderei a legitimidade** — estou evitando usar a palavra “direitos” aqui o máximo que posso, mas ela é importante, especialmente **nos tribunais**: os **direitos indígenas, a soberania, etc.**, são aparatos que devem ser usados porque são necessários dentro da relação com o Estado-nação moderno e com os aparatos internacionais — **defendo os direitos dos Inuítes do Círculo Polar Ártico de caçarem focas, tanto para subsistência quanto para comércio, dentro das práticas de gestão de seus próprios territórios e modos de vida culturais.** Essa é uma questão difícil.

Afirma-se também a **importância das pessoas que estão reabilitando campos de pastagem e trabalhando pela sobrevivência de longo prazo desses ecossistemas**, que estão entre os mais ameaçados do planeta. Um dos ecossistemas mais ameaçados da Terra hoje são os campos nativos. **Práticas de pastoralismo podem fazer parte da solução.** Já as práticas que envolvem usar esses campos apenas como locais de cultivo de monoculturas de grama para depois mover os animais para confinamento e abatê-los o mais rápido possível, essas não.

As práticas de manter formas de pastoralismo, incluindo o deslocamento dos animais pela terra de maneiras que são impedidas por certos sistemas de propriedade — que constroem cercas e barreiras que bloqueiam a migração dos animais para áreas necessárias —, essas são importantes. E **os povos que manejam esses animais são frequentemente reduzidos a termos como “nômades”, que sempre foram oprimidos pelos Estados-nação.** E assim por diante.

Apoio as formas de trabalho agroecológico relacionadas a mercados de agricultores próximos a cidades e vilas. E isso inclui animais. Oponho-me à quantidade de carne que pessoas ricas acham que têm o direito de comer. A ideia de que “só porque posso pagar, tenho o direito de comer essa quantidade de carne” — isso é um absurdo. Você não tem mais o direito de comer tanta carne do que teria de matar seu bebê. **Esse tipo de**

sentimento de direito assassino, essa sensação de que “porque eu posso, então tudo bem”, é algo que considero profundamente problemático.

Acho que nós, que somos amaldiçoados e ao mesmo tempo sortudos por sermos ricos, precisamos usar nosso bem-estar — inclusive o educacional — para fortalecer algo, não para oprimir os outros. Precisamos apoiar certos mercados e rejeitar outros.

Não sou alguém do “direito à vida”. Acho que o aborto é uma forma de matar — algo que muitas das minhas colegas feministas me detestam por dizer —, mas penso que, às vezes, esse tipo de matar é algo bom. Deveria ser raro, gratuito, acessível e apoiado quando a mulher decide que é isso que precisa fazer. Mas acho que não é não matar. Sim, acho que é matar. Talvez isso venha da minha formação católica. Acho que é algo sério — **e quero apoiar de todas as formas possíveis as mulheres que tomam uma decisão tão séria.** Ninguém mais tem o direito de tomar essa decisão por elas.

E quanto a matar animais? Acho que é matar. Nós temos o direito de fazer isso? Não, não temos direito. Isso não é uma prerrogativa. Trata-se de um tipo de relação que traz responsabilidades. Se eu mato um animal para comê-lo, tenho responsabilidades com seus descendentes, com seus ecossistemas, com todo o seu modo de vida e de morte. Não tenho o “direito” de matar. Tenho uma relationalidade que envolve matar e comer — e isso traz enormes responsabilidades.

Portanto, a linguagem dos direitos nesse campo... não dá pra evitar, porque estamos dentro de um sistema legal e judiciário. E sim, vou usar a linguagem dos direitos. Mas **acho que essa linguagem está mal equipada para lidar com a nossa relationalidade multiespécie — inclusive no caso da agropecuária animal.**

Marta Segarra

[1:26:30] Obrigada. E me disseram que, infelizmente, só temos tempo para uma última pergunta, então vou ler esta pergunta da plateia:

Quais elementos da vida e da cultura você já vê hoje que podem contribuir para a construção de um futuro em que a humanidade e seus parentes tenham um porvir? Estou pensando no romance *Always Coming Home*, de Ursula Le Guin, com sua ideia de que uma arqueologia do futuro pode ser útil como prática do presente.

Donna Haraway

[1:27:09] Bem, eu concordo com isso. Acho que **a arqueologia do futuro, inclusive em suas formas de SF (ficção especulativa), como em Ursula Le Guin...** a morte dela é uma perda extraordinária, mas ela continua a nos habitar, obviamente. Sim, penso que **os tipos de fabulações especulativas** de futuros como o de *Always Coming Home*, **os tipos de bem-estar distribuído, de deslocamento, de inventividade, os tipos de tecnologias presentes e**

ausentes naquela fabulação são realmente importantes. As minhas historinhas da Camille²⁵, que são apenas um storyboard, saltam coisas demais e são utópicas demais.

Elas são utópicas demais para o meu próprio gosto, na verdade, minhas histórias da Camille. Mas penso que **esse tipo de imaginação de futuros possíveis, que permanece como imaginação, nos fortalece para assumir o trabalho que precisamos fazer aqui e agora.**

E eu adoro os escritos do Kim Stanley Robinson²⁶, por exemplo *New York 2140*, onde ele projeta um cenário para 100 anos no futuro, depois de um aquecimento global e aumento do nível do mar praticamente inevitáveis, e tenta imaginar Manhattan, Nova York e Denver, os mercados financeiros internacionais, e o que seria necessário para derrubar os bancos em 2140, na sua história de uma Manhattan parcialmente inundada, em que muitos dos edifícios hoje submersos fazem parte da trama.

Acho que as narrativas de futuros próximos são parte do que nos fortalece para habitar o que está acontecendo agora. **É de importância tremenda, por exemplo, ao pensarmos em tecnologias verdes, não pensá-las separadamente da cadeia de suprimentos inteira.** Não podemos pensar em tecnologias verdes apenas em termos, digamos, de carros elétricos movidos por imensos painéis solares, ou algo assim. Há muitas tecnologias que, de certo modo, já tornam possível uma enorme redução da pegada de carbono.

Mas se fizermos isso sem considerar toda a cadeia de suprimentos, estaremos esquecendo que **as terras raras estão sendo extraídas do Congo, da África do Sul, de muitos lugares da Terra por meio de práticas de hiperextração que não se viam desde os tempos do Rei Leopoldo. A remoção de titânio e outras terras raras para a indústria eletrônica envolve trabalho infantil, hiperexploração, sistemas de trabalho que o pensamento verde, em geral, não inclui em sua cadeia de suprimentos, e não consideramos a morte da tecnologia.**

Os ciclos de vida das tecnologias verdes são curtos. Por exemplo, os painéis solares instalados na Nação Navajo há 15 anos, não arrays solares completos, mas painéis solares

²⁵ Haraway se refere às *Camille Stories*, narrativas especulativas apresentadas no capítulo final de seu livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene* (2016). Essas histórias acompanham cinco gerações de mulheres chamadas Camille, membros de comunidades multiespécie que recusam a centralidade do humano e praticam formas alternativas de parentesco, reprodução e cuidado. As histórias funcionam como exercícios de imaginação política, projetando futuros pós-antropocêntricos baseados na simbiogênese, na responsabilidade ecológica e na convivência entre espécies. Haraway as descreve como “utópicas demais” por simplificarem conflitos estruturais, mas as utiliza para explorar formas possíveis de habitar um planeta danificado sem recorrer à fantasia da transcendência.

²⁶ Kim Stanley Robinson é um escritor norte-americano de ficção científica conhecido por suas obras que combinam especulação científica, política ecológica e crítica social. Haraway faz referência ao romance *New York 2140* (2017), no qual Robinson imagina uma Manhattan parcialmente submersa devido ao aumento do nível do mar causado pelas mudanças climáticas. O livro explora como comunidades humanas reorganizam suas vidas sociais, econômicas e ecológicas após a catástrofe, propondo alternativas ao capitalismo financeiro. A obra integra o que o autor chama de “ficção utópica prática”, na qual futuros devastados pela crise climática ainda abrem espaço para imaginação política, resistência e formas cooperativas de sobrevivência. Robinson é frequentemente associado ao movimento *solarpunk* e à ideia de “realismo climático”.

individuais em hogans, não foram uma boa tecnologia e precisam ser substituídos por outros tipos de relações sociopolítico-ecológicas.

Tudo bem, mas e **toda vez que uma tecnologia é substituída, a tecnologia antiga continua existindo, e entra em que tipo de ciclo? Vai para lixões? Não vai? O que acontece com o lixo? Quero um pensamento verde que compreenda, de maneira ctônica, em termos do Cthuluceno, o ciclo completo de vida e morte das máquinas que estamos propondo como parte da solução para os problemas que nós mesmos produzimos com outros tipos de sistemas de vida das máquinas.** Isso não é exatamente uma resposta à pergunta, mas uma forma de dizer: **toda vez que ouço a palavra “verde”, quero mesmo é um “verde decolonial” — um verde multicolorido e muito menos autocomplacente.**

Marta Segarra

[1:31:23] muito obrigado, Donna, foi um prazer conhecer você e ter essa ótima conversa, muito obrigado, obrigado, obrigado e obrigado a todos vocês.